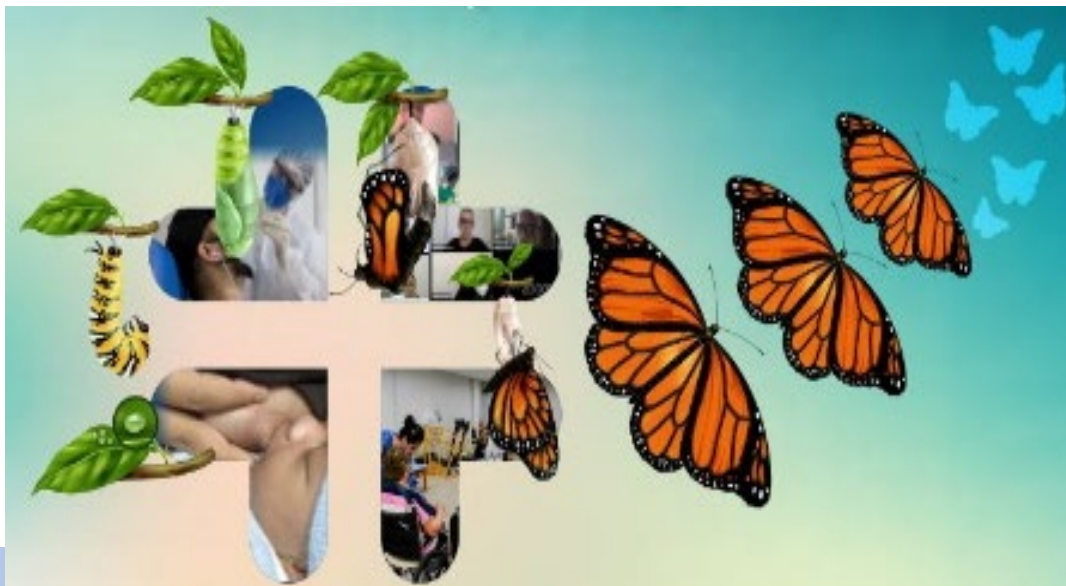




Capacitação para o Exercício da Docência nos Cursos Oferecidos pela ESPMT



Unidade de Aprendizagem IV- Processo de Avaliação da Aprendizagem

Apresentação



Olá, educando(a)!

A avaliação está presente em diversas ocasiões do nosso cotidiano. O tempo todo, mesmo sem que tenhamos consciência, estamos verificando, analisando, apreciando e atribuindo um juízo de valor, julgando algo ou alguma situação que é do nosso interesse.

Na área da educação, muitas vezes a avaliação da aprendizagem é uma prática desconfortável e temida pelos educandos. Isso porque, dependendo da concepção de educação adotada, da cultura que se tem sobre o erro, ele se torna algo que deve ser escondido e não um subsídio relevante para o ensino-aprendizagem.

Você já parou pra pensar sobre o processo de avaliação como parte do ensino-aprendizagem?

Ao concluir esta unidade de aprendizagem, você será capaz de:

- Compreender o processo de avaliação como uma estratégia de ensino-aprendizagem.
- Compreender o processo de avaliação da aprendizagem nas perspectivas diagnóstica, somativa e formativa.

Bons estudos!

Quando pensamos em avaliação, o que nos vem à mente?

Será a avaliação um ato corriqueiro em nossas vidas?

Os dicionários definem o termo “avaliação” como o ato de avaliar, valor determinado por peritos, apreciação, estima; e “avaliar”, determinar o valor de; compreender, apreciar, prezar, conhecer o valor.

Avaliar é algo que fazemos o tempo todo para subsidiar uma tomada de decisão, seja ela simples como quando verificamos as condições do clima para decidir se levamos ou não um guarda-chuva, seja em decisões mais complexas como as de um gestor de saúde ao escolher onde priorizar a aplicação dos recursos financeiros que são limitados.

Vamos
refletir...



Mas, e a avaliação da aprendizagem? Qual o seu sentido no fazer dos educadores? Como ela tem sido praticada?

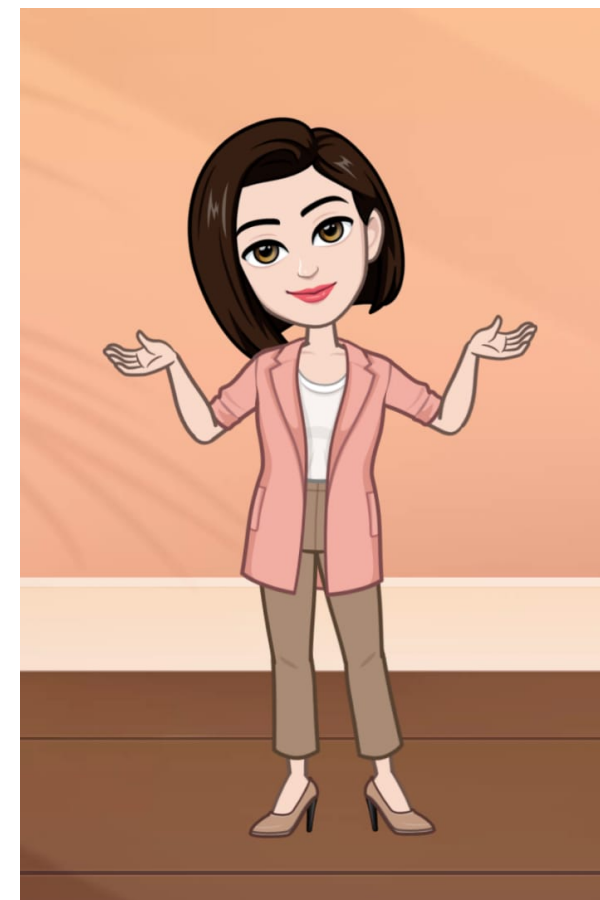
Luckesi⁶, adverte para o fato de que, como educadores, ainda não aprendemos a avaliar. Precisamos avançar na “aprendizagem da avaliação”.

“Nas nossas escolas, públicas ou particulares, assim como nos diversos níveis de ensino, praticamos muito mais exames escolares do que avaliação da aprendizagem”. Temos a habilidade de examinar, herdada por anos de prática no sistema de ensino estabelecido.

O que o autor chama de exame escolar, traduz-se, principalmente, em classificar e selecionar o educando, na perspectiva de subsidiar uma aprovação ou reprovação e não “um investimento significativo no sucesso da aprendizagem”.⁵

A avaliação do educando deve estar a serviço de sua aprendizagem, visto que, quando ele entra na escola, inicia um curso, seu objetivo é aprender e não ser submetido a um processo seletivo que aprova ou reprova.

Assim, os educadores e todo o sistema de ensino devem se comprometer com esse objetivo, afinal o maior interesse não é reprovar o educando, mas que ele aprenda o que necessita aprender e, por isso, como consequência natural, seja aprovado.



Dependendo da concepção de educação adotada e da noção que se tem do **erro** e de suas consequências (o que é cultural), a prática da avaliação será diferente.

Quando trabalhamos com o erro de modo produtivo e em espaço protegido, o erro passa a ser um insumo para a aprendizagem. Assim, ele não precisa ser evitado.

Em uma cultura em que o erro é visto como algo punível, vergonhoso, é melhor escondê-lo. E esconder o erro para não ser castigado, não gera aprendizado.



A evolução na produção de conhecimento sobre avaliação no contexto educacional é algo inegável. No entanto, ainda há obstáculos e demora na aplicação plena de métodos de avaliação mais eficazes, principalmente no ensino superior, seja pelas limitações na formação didática dos professores, rigidez na estrutura curricular, ou pela sobrecarga de funções e, consequentemente, falta de motivação pelo corpo docente em debater novas metodologias de ensino-aprendizagem e avaliação.²

Tradicionalmente, a avaliação dos educandos de cursos da área da saúde é feita por métodos pontuais aplicados ao final de um módulo, disciplina ou curso, com caráter classificatório e certificativo. O educando deverá atingir certa pontuação para ser aprovado e, inevitavelmente, há uma comparação entre ele e seus pares.

Ainda, o ponto de partida de cada um e o caminho percorrido individualmente para a aprendizagem não são levados em conta. Sabemos que nem todos estão em uma condição igual de aprender quando iniciam um curso, por isso é importante utilizar estratégias que permitam conhecer as necessidades, as dificuldades e potencialidades de cada educando, de modo a possibilitar a adaptação do processo, a fim de favorecer sua chegada ao resultado esperado.

Atualmente, avaliação é o tema de maior destaque nas discussões pedagógicas, pois busca-se metodologias mais eficientes, capazes de regular o processo de ensino-aprendizagem, detectando lacunas, proporcionando soluções para os obstáculos que surgirem e melhoria na qualidade educacional de um modo geral.

Que tal nos aprofundarmos um pouco mais com algumas abordagens conceituais sobre a avaliação no processo de ensino aprendizagem?

Vamos lá!

No campo da educação, a avaliação é uma forma planejada e sistemática de emitir um juízo sobre a aprendizagem e consiste também em um processo de comunicação.

Avaliar o educando implica, antes de qualquer coisa, uma postura acolhedora, afetiva, inclusiva, dinâmica e construtiva. O educando deve ser acolhido em sua situação. Para tanto, o educador precisa ter a disposição de acolher.

“O ato de avaliar implica dois processos articulados e indissociáveis: diagnosticar e decidir. Não é possível uma decisão sem um diagnóstico, e um diagnóstico sem uma decisão é um processo abortado. Em primeiro lugar, vem o processo de diagnosticar, que constitui-se de uma constatação, de uma qualificação do objeto da avaliação.”⁴

Portanto, avaliar não é um ato neutro que se encerra na constatação, ele é dinâmico e que implica na decisão de 'o que fazer' diante do que se constatou. Sem essa decisão, o ato de avaliar não se completa, não se realiza.

Luckesi⁴ compara a situação de 'diagnosticar sem tomar uma decisão' com a “situação do naufrago que, após o naufrágio, nada com todas as suas forças para salvar-se e, chegando às margens, morre, antes de usufruir do seu esforço.” Diagnosticar sem tomar decisão “é um curso de ação avaliativa que não se completou.”

Por sua vez, a decisão não se toma ao acaso, num vazio teórico. Ela deve estar alicerçada em objetivos traçados dentro do que se planejou.

O processo de avaliar consiste, essencialmente, em determinar em que medida os objetivos educacionais estão sendo alcançados, objetivos estes, propostos para promover mudanças no comportamento do educando. Assim, enfatizamos que a avaliação deve se processar em função dos objetivos do curso.

O ato avaliativo, enquanto processo, inclui as seguintes ações: (I) uma tomada de decisão sobre o que é relevante fazer para determinado fim definido (fase de planejamento que dá sentido à intencionalidade do processo avaliativo escolhido); (II) coleta de informação; (III) a interpretação da informação recolhida; e (IV) o desenvolvimento de uma ação fundamentada dela decorrente.¹

É importante destacar que quando o ato de avaliar envolve pessoas, não pode ser algo impositivo, mas dialógico, amoroso e construtivo.⁴

Outro ponto fundamental é dar ao educando a oportunidade de participação ativa no processo de avaliação. Ele deve estar ciente dos objetivos educacionais e das finalidades da avaliação, bem como das estratégias e critérios empregados na mesma.

Enfim, podemos dizer que avaliar possui, basicamente, dois propósitos: sintetizar a aprendizagem do educando e ajudá-lo a aprender.



Vejamos o que dizem Panúncio-Pinto e Troncon³:

“Na perspectiva da educação, “avaliação” é um termo que abrange qualquer atividade em que a evidência de aprendizagem é recolhida de forma planejada e sistemática, sendo utilizada para emitir um juízo sobre a aprendizagem. É importante, porém, considerar que este juízo deve servir a alguma **finalidade** e, no contexto educacional, as várias finalidades possíveis deveriam ter o propósito do incremento do aprendizado e do aperfeiçoamento do processo educacional”.

Finalidades da avaliação

Dizemos que a avaliação tem finalidade **FORMATIVA** quando cumpre a função de ajudar nas decisões sobre a melhor forma de dinamizar a aprendizagem, identificando pontos fortes e fracos, de modo a fornecer um panorama sobre a aprendizagem, para que mudanças possam ser propostas ao longo do processo pedagógico e otimizar a aprendizagem do educando.

A avaliação com finalidade **SOMATIVA** é a que reconhecemos mais facilmente por ser muito comum nas trajetórias educacionais. Ocorre quando a função a cumprir é a classificação do educando, ou seja, visa fornecer informações sobre o progresso do aprendiz, subsidiando a tomada de decisão sobre se o educando deve ser aprovado ou não e, geralmente, reflete-se em notas ou conceitos.

A diferença principal entre as perspectivas de avaliação somativa e formativa está no propósito a que se destinam, o “para quê?”: avaliar para ajudar a aprender ou avaliar para sintetizar a aprendizagem. No primeiro caso, estamos perante um propósito **formativo**, no segundo, num registro **somativo**.

A avaliação **somativa** é uma prática tradicional. Utilizada sempre ao final de um módulo ou curso para verificar se o educando assimilou os conteúdos fornecidos em um certo período, possuem um caráter classificatório e certificativo, ou seja, o educando deverá atingir determinada pontuação para ser aprovado. Nesse caso, geralmente ocorre uma comparação entre os educandos, sendo que, em diversas escolas, essa comparação é institucionalizada numa espécie de *ranking*, onde as melhores notas são elencadas, classificando “os melhores” da turma.

A avaliação **somativa** foca mais no resultado final que na trajetória percorrida pelo estudante durante a aquisição dos conhecimentos e habilidades.

Portanto, sob a perspectiva **somativa** não seria possível detectar eventuais dificuldades enfrentadas pelo educando e oferecer, oportunamente, soluções para corrigi-las.

No entanto, apesar das críticas destinadas à esse tipo de avaliação e das suas limitações, quando bem aplicada, em propósitos a que se destina, tem uma alta capacidade para avaliar a aquisição de conhecimentos e habilidades, sendo uma das estratégias mais apropriadas e utilizadas para decidir sobre a progressão e/ou certificação dos alunos.² Em um concurso, por exemplo, a avaliação adequada é a **somativa**, pois cumpre a finalidade desejada, classificando aqueles concorrentes com os melhores desempenhos e que ingressarão nas vagas disponíveis.

Já na avaliação **formativa**, o ato de avaliar faz parte de todo o processo de ensino-aprendizagem, ou seja, é um ato contínuo em que toda interação, seja do professor com o educando ou dos educandos entre si, produz informações relevantes para a verificação do nível de aprendizado e para eventuais ajustes necessários a fim de que o educando consiga atingir os objetivos definidos.

O que precisamos sempre ter em mente é que, ao ingressar em uma atividade educacional, os educandos certamente percorrerão o mesmo caminho. Porém, a velocidade e a experiência de cada um fazem com que a trajetória percorrida não seja a mesma para todos. Assim, um tipo de avaliação que acompanhe o educando enquanto ele faz o seu percurso, ajudando a identificar as dificuldades de aprendizagem que surgirem e oferecer soluções para elas, em tempo oportuno, é mais interessante e eficaz.

É aí que entra a avaliação com a finalidade **formativa**. Este tipo de avaliação se torna “reguladora do processo de ensino-aprendizagem, detectando lacunas e proporcionando soluções para eventuais obstáculos enfrentados pelos estudantes, além de proporcionar melhorias nas ferramentas didáticas e eventuais ajustes no conteúdo programático ou mesmo na estrutura curricular.” ²

Você pode estar questionando:

Como implementar um método de avaliação na perspectiva formativa?

Para ajudar a responder essa questão, convidamos você, neste momento, a fazer a leitura de um texto e registrar suas impressões sobre os sentidos que ele te trouxe.



É só clicar no link:

(Borges MC, Miranda CH, Santana RC, Bollela VR. Avaliação formativa e feedback como ferramenta de aprendizado na formação de profissionais da saúde. Medicina (Ribeirão Preto) 2014;47(3):324-31 <http://revista.fmrp.usp.br/>)

Verificamos que, de acordo com o texto, atualmente considera-se boas práticas em termos de avaliação da aprendizagem, a utilização das duas formas, somativa e formativa, de maneira complementar.

No entanto, também considera que os métodos de avaliação formativa, por serem estratégias mais abrangentes e menos pontuais que os tradicionais métodos somativos, contribuem para a formar profissionais mais autônomos e reflexivos.

Nesse sentido, o texto caracteriza o feedback como uma atividade estruturante da avaliação formativa, um de seus principais componentes.

Mas, em que consiste o *feedback*?

De que forma ele pode ser aplicado de maneira efetiva?
Na sua prática docente, o *feedback* poderia ser implementado?

Pense nos obstáculos e potencialidades dessa atividade.



“O *feedback* refere-se à informação que será dada ao aluno para descrever e avaliar o seu desempenho em uma determinada atividade, comparando o resultado observado com aquele que realmente era esperado que ele obtivesse, que deve ser baseado em premissas pré-estabelecidas de competências para aquele determinado grau de formação.”²

Durante todo o processo de ensino aprendizagem, o educando receberá informações sistemáticas, possibilitando que ele identifique o quão próximo ou longe está dos objetivos que almeja alcançar.

É importante que o educando desenvolva atividades de autoavaliação e autorregulação do seu aprendizado, desse modo, refletindo sobre seu próprio desempenho, sobre como incorporar novas práticas e conhecimentos para melhorá-lo e comprometendo-se com o esforço necessário para atingir o objetivo da aprendizagem.

No *feedback* cria-se um espaço propício ao diálogo, à discussão de ideias, ao aprimoramento de habilidades. Tanto o professor quanto o educando sofrem mudanças. Todavia, para que seja efetivo, deve-se fugir da armadilha corriqueira de enfatizar a superioridade do professor, que não abre espaço para o diálogo, exercendo uma ação inibitória sobre o educando.

O professor também precisa estar aberto a reconhecer quando seu desempenho não é adequado ao aprendizado e transformá-lo.

Para ser efetivo, portanto, o *feedback* deve ocorrer em um contexto em que os objetivos de aprendizagem estejam definidos previamente e claros. Deve ser oportuno, restringir-se ao que foi observado, no momento, sobre determinado desempenho do educando e não sobre outras situações vivenciadas previamente, opiniões pré-concebidas ou sobre a personalidade do educando; deve começar com uma autoavaliação e utilizar-se de comentários específicos, que relatem claramente o que foi adequado ou não no desempenho do educando, evitando-se frases feitas como “bom trabalho”, “parabéns”, entre outras.

Ainda sobre o *feedback*...

- É interessante iniciar sempre falando dos pontos positivos observados, para criar empatia e uma comunicação efetiva.
- Evitar dar *feedback* de um volume grande de pontos negativos de uma só vez. Falar daquilo que é mais importante e que pode ser resolvido com mais facilidade.
- Também é importante criar um ambiente acolhedor, em que as pessoas se sintam livres para expor suas percepções.

“Nesse ponto, o *feedback*, que pode ser considerado como a espinha dorsal da avaliação formativa, assume papel central. O resultado da avaliação precisa ser compartilhado com o estudante, não apenas sua tradução em conceito/nota. Prover *feedback* é fundamental para conferir sentido à avaliação, em qualquer de suas funções, independente da estratégia utilizada.”²

Há também a avaliação com finalidade diagnóstica...

Esse tipo de avaliação tem como objetivo identificar os saberes prévios dos educandos e, por conseguinte, os pontos de partida singulares de cada um, cujas trajetórias de aprendizagem também serão particulares até chegarem ao ponto de chegada, que é o perfil de competências estabelecido para cada experiência educacional. É em relação a esse critério que o desempenho de cada educando deve ser comparado, e não uns com os outros.

Avaliar dentro de um contexto de formação contínua significa, portanto, “[...] diagnosticar uma experiência, tendo em vista reorientá-la para produzir o melhor resultado possível; por isso, não é classificatória nem seletiva, ao contrário, é diagnóstica e inclusiva”.⁴



Continuando....



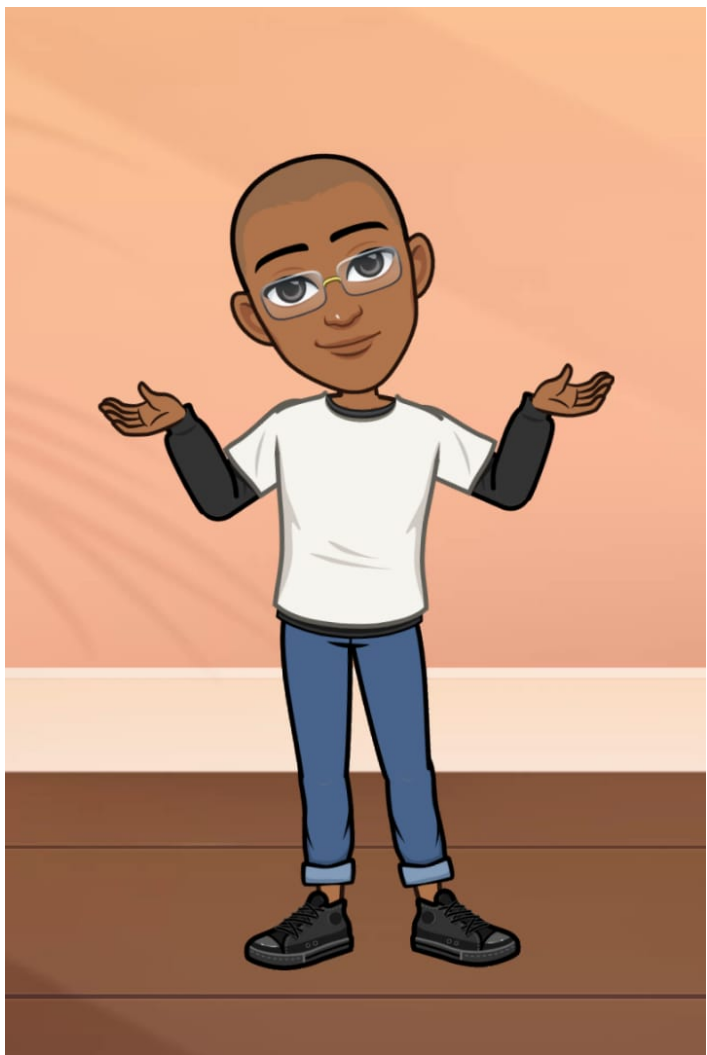
Para definir como e o quê avaliar, é importante fazer alguns questionamentos:

“Que profissional eu quero formar?”

“Quais as habilidades e competências este profissional deve desenvolver ou adquirir?”

“Em quais etapas do curso?”

Assim, o planejamento de uma estratégia de avaliação eficaz, na sua função formativa, somativa ou diagnóstica, precisa estar alinhada com os objetivos específicos de cada etapa da formação, com quais aspectos do desenvolvimento nos níveis cognitivo, psicomotor e afetivo deseja-se promover no processo educacional.



Além disso, a escolha do método de avaliação depende da natureza das habilidades e competências das quais queremos verificar o nível de domínio desenvolvido pelo educando.

A *Pirâmide de Miller*, proposta por George Miller³, norte-americano estudioso da educação médica, na década de 90, é um modelo conceitual que pode facilitar essa escolha.

A seguir, você verá um esquema representativo da Pirâmide...

Pirâmide de Miller (adaptado de Panúncio-Pinto e Troncon, 2014)



Figura 1 – Pirâmide de Miller, modelo conceitual que apresenta as habilidades e competências e o modo como as relacionadas ao nível prático assentam-se nas do conhecimento teórico.

No modelo proposto por Miller, pressupõe-se que a prática profissional, o “faz” ou “fazer”, se assenta no conhecimento do “sabe como fazer”, que, por sua vez, é embasado por conhecimentos fundamentais, que constituem o “sabe” ou “saber”. No entanto, a qualificação para a prática profissional, que constitui o “fazer”, pressupõe que, em algum momento anterior à prática, ainda no âmbito da sua formação, o estudante deve demonstrar que domina as habilidades e competências necessárias. Isto constitui o “mostra como faz”, estrato da pirâmide sobre o qual se assenta a prática.³

O “saber” e o “saber como fazer” são competências que envolvem o domínio cognitivo e devem ser avaliadas com métodos apropriados à aferição de aquisição de conhecimentos. Essas competências cognitivas podem ser avaliadas com provas variadas, como os “testes de múltipla escolha” ou questões abertas de respostas diretas, dissertações e provas orais com questões estruturadas.

Há uma particularidade que se refere a avaliar o “saber como fazer”:
como este saber está mais no nível do conhecimento aplicado, as estratégias de avaliação
devem requerer o uso do conhecimento para a tomada de decisões e para a solução de
problemas.

O “mostrar como faz” corresponde à avaliação de habilidades e competências práticas, que
deve ser feita ainda no âmbito da formação. Essa avaliação é feita usualmente com
exames práticos, em situações reais ou simuladas em que o educando é observado
diretamente no desenvolvimento das tarefas.

“Por fim, a avaliação do ‘fazer’ corresponde àquela que deve ser feita no próprio ambiente
de trabalho, onde a prática é exercida. Aplica-se ao estudante em final de curso, nos
estágios profissionalizantes, onde se dá o treinamento para a prática do ‘fazer’, com o
estudante efetivamente ‘fazendo’, exercitando sua prática”, porém ainda sob supervisão.³

Concluindo...

Assim, podemos concluir que é necessária uma mudança da mentalidade, que implica em abrir mão do entendimento da avaliação educacional como instrumento de poder e de controle do comportamento do estudante, para passar a compreendê-la de forma diferente: no plano individual, como recurso eficiente de apoio à aprendizagem e, no plano coletivo, como instrumento de gestão que visa ao aperfeiçoamento dos processos educacionais e até mesmo das próprias instituições.



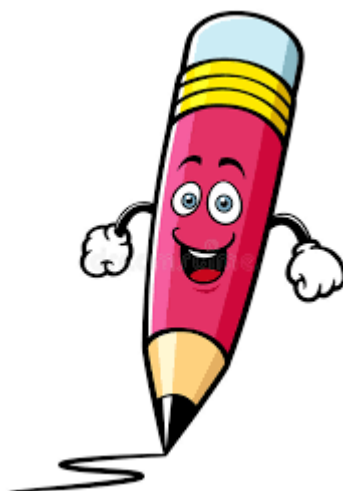


Prezado(a) educando(a),

Agora que você já finalizou os estudos desta Unidade de Aprendizagem, esperamos que esteja familiarizado com o tema da Avaliação da Aprendizagem.

Que tal verificar o que apreendeu até aqui? Convidamos você a responder algumas questões para avaliar o seu nível de conhecimento.

Vamos lá?



[Clique aqui para
realizar a Atividade
de Aprendizagem
da Unidade IV!](#)

Referências:

1. Santos, L. A articulação entre a avaliação somativa e a formativa na prática pedagógica: uma impossibilidade ou um desafio? Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.24, n. 92, p. 637-669, jul./set. 2016.
2. Borges MC, Miranda CH, Santana RC, Bollela VR. Avaliação formativa e feedback como ferramenta de aprendizado na formação de profissionais da saúde. Medicina (Ribeirão Preto) 2014;47(3):324-31 <http://revista.fmrp.usp.br/>
3. Panúncio-Pinto MP, Troncon LEA. Avaliação do estudante – aspectos gerais. Medicina (Ribeirão Preto) 2014;47(3):314-23. Disponível em: <http://revista.fmrp.usp.br/>
4. Luckesi, CC. O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem? Pátio. Porto alegre: ARTMED. Ano 3, n. 12 fev./abr. 2000. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2511.pdf>
5. Luckesi, CC. Avaliação da aprendizagem escolar (livro eletrônico): estudo e proposições. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

Créditos:

Autora:

M^a Vanessa Thaís Bonfim Vilas Boas
Enfermeira – Mestre em Saúde Pública
Coordenadoria de Gestão Pedagógica - ESPMT

Como citar esse material:

VILAS BOAS, V. T. B. Processo de Avaliação da Aprendizagem. In: CAMARGO, R.A.; FARIA, A.P.S; GIRARDI, A.P.C.; PAUSE, P.N.; VILAS BOAS, V.T.B. **Capacitação para o exercício da docência nos curso oferecidos pela ESP/MT.** ESPMT: Cuiabá, 2021.